

A literatura hispano-americana como processo formativo

Adriana Binati Martinez (UNICENTRO)

La literatura es un conjunto de obras, autores y lectores: una sociedad dentro de la sociedad. Hay excelentes poetas y novelistas colombianos, nicaragüenses y venezolanos pero no hay una literatura colombiana, nicaragüense o venezolana. Todas esas literaturas son inteligibles solamente como partes de la literatura hispanoamericana (PAZ, 1981).

A discussão proposta por Octavio Paz no ensaio “Alrededores de la literatura hispanoamericana” apresenta um questionamento sobre a nacionalidade de literatura(s) que tem sua “origem” atrelada ao processo histórico-cultural da Colonização da América. O ponto central da polêmica reside no fato de que países que sofreram o processo da Colonização encontraram a partir do conceito de nacionalidade o respaldo de distinção com as literaturas do colonizador em seus anseios e projetos de identidade literária. Sem querer estabelecer um estudo histórico sobre as problemáticas do conceito de nacionalidade literária na América Latina, apontamos que parte da crítica atual argumenta sobre a necessidade de ampliação das concepções teóricas e analíticas que evidencie as implicações de ordem ideológicas e políticas sobre essa temática histórico-literária. Igualmente há a proposição de que haja estudos de textos literários onde se aprecie esses questionamentos no nível discursivo e simbólico das obras. Realizada essa breve explanação sobre algumas das contendas no panorama da crítica atual sobre a história da(s) literatura(s) latino-americana(s), argumentamos que a nossa proposta e objeto de estudo, até o presente momento, centra-se na busca de apreciar alguns textos teóricos e ensaísticos de críticos literários da América Hispânica que, ao longo

de um exercício intelectual em várias produções, estabelecem um diálogo coeso sobre o exame dessa(s) literatura(s). Isto é, existe um legado crítico interno sobre a apreciação das obras literárias produzidas na América Hispânica a partir de uma revisão historiográfica heterogênea, bem como a consideração e abordagem de que essa(s) literatura(s) seja(m) examinada(s) a partir do conceito de “processo formativo”. Em outras palavras, há um ponto de coesão entre os autores quanto ao fato de que a(s) obra(s) literária(s) seja(m) estudada(s) por uma outra perspectiva que a tradicional (a partir da chegada do Colonizador e os textos de fundação do continente) ou pela reivindicação da independência literária pelo prisma da nacionalidade das colônias espanholas. Considerando que a nomenclatura literatura latino-americana abarca as obras desenvolvidas em países da América que foram colonizados pelos países europeus Espanha, Portugal e França¹, entendemos que a literatura hispano-americana está contemplada na nomenclatura supracitada. Assim, os autores que selecionamos são Ángel Rama, Antonio Cornejo Polar, Alejo Carpentier e Octavio Paz, sendo a “matriz” de discussão alguns dos trabalhos desenvolvidos pelo crítico brasileiro Antonio Candido. Na obra *Literatura e sociedade*, Antonio Candido propõe que:

[...] Para estudar a literatura na América Latina há dois ângulos que podem gerar dois tipos de teorias e metodologias. Ambos são válidos e não devem ser considerados mutuamente exclusivos; e sim correspondentes a dois “momentos” dialéticos do processo global: a literatura como prolongamento das literaturas metropolitanas — e como ruptura em relação a elas (CANDIDO, 2000, p. 99).

Assim, encontramos na obra crítica desses autores a perspectiva da universalidade da literatura latino-americana como característica estrutural e ideológica do objeto artístico justificada por razões estéticas, lingüísticas e históricas,

na medida em que apresentam a impossibilidade de haver um distanciamento total com o legado europeu na confecção das literaturas da América Latina, bem como a contribuição de outras civilizações que participaram do processo histórico-social da Colonização. De modo que, nesses trabalhos o período da Colonização é importante não como marco inicial da literatura latino-americana (conforme apontam os estudos históricos diacrônicos), mas, sobretudo, como momento histórico-cultural que problematiza as formações identitárias das nações latino-americanas.

Uma obra fundamental para compreensão dessa coerência de um legado crítico interno é *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* de Antonio Candido. Desde a sua primeira publicação, em 1959, a obra do crítico brasileiro estabeleceu um divisor de perspectivas crítico-histórica e analítica na questão da “origem” da literatura brasileira utilizando os conceitos metodológicos de “manifestações literárias” e “sistemas literários”. Segundo o autor, a literatura é um sistema dinâmico que tem como componente a “relação inter-humana” estabelecida entre autor e leitor mediante a linguagem simbólica da literatura. Em conjunção, os três elementos (autor — obra — público) estabelecem a diferenciação entre os conceitos metodológicos propostos por Antonio Candido. Em linhas gerais, o autor igualmente reflete a literatura brasileira como um “processo formativo” que leva em consideração quando há uma tradição literária interna e a constituição de um público leitor legitimado nesse espaço, como também a configuração de particularidades que definem a literatura brasileira como individual no legado literário universal, havendo, assim, a consolidação do sistema literário brasileiro. Nota-se nos trabalhos de Antonio Candido a sua visão sociológica no sentido de que a literatura é fruto da sociedade, logo, é importante para a sua cultura.

Tal perspectiva é correlata às dos estudos de Ángel Rama que tratava a literatura como elemento integrante da cultura, e não como um mero objeto artístico independente do sistema cultural das civilizações. A partir da multidisciplinaridade os estudos de Ángel Rama sobre as narrativas latino-americanas transcendem o objeto artístico (a obra literária). Em outras palavras, inserindo a obra em contextos literários e avaliando-a como parte de um processo histórico-cultural Ángel Rama discutiu sobre a importância da literatura na sociedade da América Latina. Assim, a noção de cultura serve como postulado teórico e metodológico que o crítico em questão teve como base de toda sua produção intelectual. Igualmente, os estudos de Ángel Rama desenvolveram os conceitos de “comarcas” e de “geração” para tratar das especificidades dos “sistemas literários latino-americanos”. Em linhas gerais, o termo “comarcas” refere-se ao território geográfico, social e cultural das regiões da América Latina que, em alguns estudos, correlacionam as dimensões geográficas do Brasil e da América Hispânica. Se o termo “nação” era insuficiente para analisar as literaturas latino-americanas — devido à própria amplitude do território geográfico e cultural — o termo “comarcas” analisaria como que as especificidades culturais, territoriais e sociais das regiões do continente latino-americano são elementos constituintes desses sistemas literários. A razão e a importância do conceito criado por Rama visam a apreciar como que as obras literárias que abordam a tradição regional em paralelo com a tradição universal, partem da concepção de homogeneidades (cultural, geográfica e lingüística) para a construção da cosmovisão literária que, simbolicamente, representaria o universo cultural da América Latina. Nessa avaliação, há nos estudos de Rama, por exemplo, a apresentação de que na literatura da América Latina predominou as abordagens das macrorregiões (ou sistemas nacionais) e das microrregiões (ou subsistemas regionais), sendo que o processo de

transculturização na narrativa no século XX ocorre a partir dos subsistemas culturais para chegar ao significado das “comarcas” da América Latina. Em outras palavras, isso significa que um sistema não exclui o outro, mas sim o engloba. O resultado dessa união é a apresentação de um sistema orgânico que Rama classificou como “cultura integrada”. Quanto ao significado do conceito “geração”, Ángel Rama buscou compreender como que determinados grupos de intelectuais constroem conscientemente projetos culturais, tais como os escritores das gerações romântica e realista da América Hispânica que reivindicavam a “autonomia” da literatura hispano-americana na grande maioria do século XX. Ou seja, para o autor, os escritores não são apenas sujeitos contemporâneos, sobretudo são grupos de intelectuais engajados na promoção da cultura interna das sociedades. Por essa razão o crítico trabalha sob a visão de “cultura militante” que seria justamente essa atitude consciente e também política dos escritores de se fazer projetos culturais que indicassem o progresso das “novas nações”. Quanto a essa questão, destacamos a correlação com a proposta de Antonio Candido no que diz respeito à tradição e consciência entre os autores nessa construção de uma literatura própria. Segundo Ángel Rama, os impulsos modeladores dos sistemas literários hispano-americanos — “independência”, “originalidade” e “representatividade” — são inteligíveis nas perspectivas da crise de identidade e de autonomia literária. Nos dois últimos séculos (XIX e XX) os impulsos modeladores estão regidos pelo movimento pendular entre o pólo externo (Ocidente) e o interno (América). A partir do impulso da representatividade da região, que modelou a visão nacionalista dos realistas do século XIX na medida em que a região era concebida como cultura, a literatura hispano-americana dos primeiros decênios do século posterior apresenta duas perspectivas: a primeira cosmopolita e a segunda realista-crítica. Em resumo, a visão cosmopolita dos regionalistas promovia o mito da pátria

das nações emancipadas, ao tempo em que na geração realista-crítica o progresso das nações, sobretudo das metrópoles (a capital urbana), esbarra nas questões políticas e econômicas. A disputa entre os regionalistas e os vanguardistas ocasionou na intensificação da ambivalência narrativa: campo *versus* cidade, rural *versus* metrópoles, tradição *versus* modernização. Porém, segundo Ángel Rama, a importância das divergências literárias entre os dois grupos deve-se à “modernização” da representatividade das regiões e de suas culturas.

Nos direcionamentos propostos por Antonio Cornejo Polar há a mesma orientação dos estudos de Antonio Candido acerca da necessidade de avaliar a obra literária aquém de sua estrutura e de seus significados internos. Isto é, nos pressupostos críticos de Antonio Cornejo Polar há a perspectiva de que o método analítico de “sistemas literários” não trata de implantar afirmações de teorias sociais, literárias ou históricas, mas justamente o contrário. É a própria natureza discursiva da obra literária que permite reconhecer os questionamentos humanos e culturais que estão presentes na categoria simbólica “inter-humana” da literatura, conforme argumenta o autor na obra *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*: “[...] Trata-se de afirmar o que não deveria ter deixado de ser evidente: as obras literárias e seus sistemas de pluralidade são signos e remetem sem exceção possível a categorias supra-estéticas; o homem, a sociedade, a história” (CORNEJO POLAR, 2000, p. 16). Portanto, na visão crítica de Antonio Cornejo Polar, a abordagem de sistemas literários latino-americanos é pertinente para estudos na área visto que deflagram a heterogeneidade histórico-cultural dessas sociedades, ampliando assim os horizontes e as perspectivas críticas, como também possibilita a visão complexa e polêmica de algumas questões evidenciadas em países que têm em sua formação histórica a Colonização:

[...] A consciência de que nossa literatura é produto de vários e antagônicos sujeitos sociais, com linguagens, racionalidades e imaginários discordantes, bem poderia terminar numa afirmação prazerosa da harmonia entre os contrários, algo assim como uma mestiçagem que admite tudo, ou quase, sempre e quando o resultado não for demasiado negro ou acobreado (CORNEJO POLAR, 2000, p. 51).

Nessa mesma visão complexa e heterogênea acerca da identidade e formação cultural da América Latina, o escritor e crítico Alejo Carpentier argumenta que o século XX foi fundamental para que os escritores latino-americanos tomassem essa consciência dada às razões da Colonização. E, nessa abordagem, o crítico discorre que os vanguardistas latino-americanos do século XX ao buscar entender e definir sua identidade — seja como sujeito, ou como literatura — descobriram que também são universais, conforme expõe no ensaio *Um caminho de meio século*:

[...] E desde a guerra de 14-18 percebemos que já não podemos ficar à margem da história universal, porque embora queiramos ignorar o que ocorre longe de nossas costas, do outro lado do oceano, nada do que acontece no mundo nos é indiferente, e sofreremos, bem ou mal, as conseqüências de tudo o que acontece (CARPENTIER, 1987, p. 161).

O ensaio “Alrededores de la literatura hispano-americana” de Octavio Paz apresenta esse mesmo parâmetro para discussão da literatura hispano-americana. Por razões históricas, lingüísticas e culturais, os hispano-americanos — por correlação podemos também incluir os latino-americanos — estarão sempre relacionados com suas culturas formativas, como a européia. Nesse sentido, buscar uma identidade que se distancie dessa cultura — como a ideologia de nacionalidade pode, dependendo da abordagem, sugerir — é negar essa essência complexa que está na base de nossa formação identitária. Assim como Alejo Carpentier, Octavio Paz argumenta que foram os vanguardistas do século XIX — no caso específico hispano-americano por ser esse

o recorte de discussão proposto no ensaio do autor — que propiciaram o “diálogo” de duas literaturas (espanhola e hispano-americana) que têm o mesmo idioma: o castelhano. Foram esses escritores, segundo Octavio Paz, que melhor entenderam que sua especificidade identitária constitui-se de modo complexo e, também, dentro de uma formação universal. Com relação aos estudos de Antonio Candido, o ensaio de Octavio Paz aproxima-se da abordagem proposta pelo brasileiro na medida em que avalia que a literatura é um sistema de escritor, obra e público leitor. Nessa base do sistema literário está a capacidade e a linguagem inter-humana que o texto artístico propicia no tempo e no espaço:

La literatura es un tejido de afirmaciones y negaciones, dudas e interrogaciones. La literatura hispanoamericana no es un mero conjunto de obras, sino las relaciones entre esas obras. Cada una de ellas es una respuesta, declarada o tácita, a otra obra escrita por un predecesor, un contemporáneo o un imaginario descendiente. Nuestra crítica debería explorar estas relaciones contradictorias y mostrarnos cómo esas afirmaciones y negaciones excluyentes son también, de alguna manera, complementarias. A veces sueño con una historia de la literatura hispanoamericana que nos contase esa vasta y múltiple aventura, casi siempre clandestina, de unos cuantos espíritus en el espacio móvil del lenguaje... (PAZ, 1981, p. 31).

Assim, os estudos e abordagens teóricas analíticas sobre o conceito “processo formativo” propiciam uma avaliação mais abrangente sobre a literatura latino-americana. Isto é, nos estudos desses autores, há um rompimento da história literária diacrônica da América Hispânica e do Brasil, bem como argumentam sobre a importância de que o conceito nacionalidade não é suficiente para discutir a “autonomia literária” latino-americana. Ao fim e ao cabo, o que os estudos desses autores apontam — e é necessário revisá-los nessa coerência de um legado crítico interno de mais de meio século — é em que medida uma abordagem sincrônica da historiografia literária dessas nações, utilizando-se de conceitos e métodos analíticos

como “processo formativo” e “sistemas literários”, discute a “representatividade” dessas literaturas em uma dimensão cultural mais abrangente que a configure em um diálogo com outras literaturas, até mesmo, com as maternas.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8. ed. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997. v. 1.

_____. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. (Col. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

CARPENTIER, Alejo. Um caminho de meio século. In: *A literatura do maravilhoso*. Tradução de Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/ Edições Vértice, 1987. v. 1. (Col. O Vermelho e o Negro). p. 143-162.

CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Organização de Mario J. Valdés. Tradução de Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (Col. Humanitas).

FERNANDEZ MORENO, César. ¿Qué es la América Latina? In: _____. (Coord.). *América Latina en su literatura*. México: Siglo XXI Editores/ UNESCO, 1972. p. 5-18.

PAZ, Octavio. Alrededores de la literatura hispanoamericana. In: *In/ Mediaciones*. 2. ed. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981. p. 25-37.

RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. Organização de Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos. Tradução de Rachel la Corte dos santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001. (Col. Ensaios Latino-Americanos).

Nota

¹ A esse respeito baseamo-nos no texto “¿Qué es la América Latina?” de César Fernández Moreno na obra *América Latina en su literatura*.